
MÓDULO 4

O VOLUNTARIADO

Formação em Comunidades de Aprendizagem

ÍNDICE

MÓDULO 4 • O VOLUNTARIADO

4.1 Quem são os voluntários, como é que colaboram e o que é que trazem?	2
4.2 Coordenação e gestão do voluntariado	6
4.3 Bibliografia	10

4. O voluntariado

As Comunidades de Aprendizagem contam com a participação ativa de muitas pessoas, que contribuem com o seu tempo e entusiasmo, para levar a cabo Ações Educativas de Sucesso (AES) e converter sonhos em realidade (Sánchez Aroca, 1999). O voluntariado faz parte de muitas atividades diárias, enriquecendo as experiências de todos e fornecendo recursos humanos, intelectuais e culturais que já estavam disponíveis mas, muitas vezes, não estão identificados.

Este módulo mostra o papel do voluntariado nas Comunidades de Aprendizagem. Primeiro, analisamos os possíveis perfis de voluntários, onde podem participar e a contribuição que podem dar a cada um desses espaços. De seguida, passamos aos aspetos práticos sobre a gestão e coordenação do voluntariado.

4.1 Quem são os voluntários, como é que colaboram e o que é que trazem?

Muitas pessoas pensam que é necessário, ou pelo menos desejável, ter formação ou experiência específica, para entrar como voluntário, na sala de aula, sobretudo se isso envolver participação no ensino secundário, em aulas de matemática ou de outras disciplinas lecionadas em inglês, por exemplo.

As Comunidades de Aprendizagem defendem uma crença oposta a esta: qualquer pessoa pode participar como voluntária, não sendo necessário ter experiência ou formação em educação. Pode ser voluntário um engenheiro, um jovem que abandonou a escola, um estudante universitário, ou mesmo uma avó analfabeta. Como já vimos, quanto mais interações e mais diversificadas, mais oportunidades de aprendizagem têm os alunos. Portanto, se os voluntários vêm de diferentes contextos e culturas, têm diferentes crenças e competências, usando diversidade de linguagens, essas interações multiplicam as possibilidades de vários tipos de aprendizagem: desenvolvimento cognitivo, conteúdos específicos, competências de interação, etc.

Nas Comunidades de Aprendizagem, o mundo é convidado a colaborar, multiplicando não apenas em número, mas em qualidades, o referencial de adultos disponíveis para os alunos. Especificamente, alguns perfis comuns de voluntários e voluntárias são:

- Pais e mães (imigrantes ou não, com estudos e sem estudos, a trabalhar ou desempregados);
- Outros familiares (avós, tios, primos, etc.);
- Ex-alunos da escola;
- Vizinhos do bairro em que a escola se encontra situada;
- Membros de associações do bairro;
- Outros profissionais vinculados a diversas instituições e organismos do bairro;
- Estudantes universitários, estagiários ou não;
- Professores aposentados;
- Familiares e amigos dos professores;
- Pessoas que conheceram o projeto através de outra pessoa, na internet, numa bolsa de voluntariado, etc.

Existem Comunidades de Aprendizagem que têm um número reduzido de voluntários, outras têm mais de cem voluntários. Em todos os casos, o mais importante a fazer é ter o entusiasmo e o desejo de que os alunos tenham a melhor educação possível, o mesmo que gostaríamos para os nossos filhos.

Espaços onde colaborar

A Comunidade de Aprendizagem sonhou muito alto. Há muitas coisas para conseguir, muitas maneiras de as tornar possíveis. Os voluntários participam numa ampla gama de tarefas que vão desde o apoio aos professores nos Grupos Interativos, até realizar as fotocópias para as atividades de sala de aula, acompanhar crianças em viagens de estudo ou participar em comissões mistas, por exemplo.

O voluntariado não substitui os professores ou outras pessoas responsáveis pelos diferentes espaços. O voluntariado é mais um elemento de qualidade, que ajuda e contribui com interações cada vez mais diversas, para melhorar esse processo de ensino e aprendizagem. Por exemplo, na sala de aula, à medida que a atividade é consolidada, é costume que os professores consultem voluntários, que debatam e tomem decisões consensuais, para melhorar o funcionamento e a implementação de Ações Educativas de Sucesso. No entanto, o professor continua responsável pelo bom funcionamento da aula e, portanto, decide sobre o conteúdo, a dinâmica e o desempenho, etc. O mesmo acontece com o acompanhamento em excursões ou em colónias: vai o número de professores que está estabelecido mas juntam-se os voluntários, fazendo com que tudo funcione melhor e as famílias fiquem mais tranquilas.

Existem outras atividades que são conduzidas, exclusivamente, por voluntários, como por exemplo algumas oficinas ou formação familiar. Mas, neste caso, os profissionais também não estão a ser substituídos. Pelo contrário, em muitas ocasiões, acaba-se por ter recursos económicos e humanos, com o que começou por ser voluntariado.

Por outro lado, devemos destacar a importância das Ações Educativas de Sucesso (AES) e as prioridades que foram estabelecidas por toda a comunidade de aprendizagem. Por exemplo, não é objetivo do voluntariado criar grupos de alunos separados e segregados, mas sim distribuir esses recursos, para reforçar a inclusão na sala de aula, criando oportunidades tais como os Grupos Interativos. Se, por exemplo, uma das prioridades é melhorar a aprendizagem da linguagem e da matemática, ou pintar e decorar os muros da escola, importa procurar o tipo de voluntariado, para alcançar esses objetivos. Como dissemos, não tentaremos encontrar pessoas habilitadas em matemática ou em pintura mural, procuramos pessoas entusiasmadas em ajudar a pintar, em transmitir altas

expectativas ou em melhorar a matemática. Um voluntário, com um conhecimento específico, pode gerar uma nova atividade. Aconteceu com um campeão de xadrez numa Comunidade de Aprendizagem. A partir desse conhecimento, a escola decidiu promover oficinas de xadrez duas tardes por semana, atividade que, inicialmente, não estava pensada para integrar o sonho de melhorar e ampliar o tempo de aprendizagem, com múltiplas atividades. Mas, em geral, os voluntários estão ao serviço das atividades que são prioritárias, como a Biblioteca Tutorada ou os Grupos Interativos, e fazê-los de acordo com as diretrizes estabelecidas (por exemplo, em grupos, promovendo a interação entre estudantes).

Apresentamos, de seguida, alguns dos espaços onde o voluntariado geralmente participa. Não é uma lista exaustiva e, claro, dependerá da forma como a escola organiza a sua participação, em função das suas prioridades. Um voluntário pode participar num ou em vários espaços.

GRUPOS INTERATIVOS	Participa como dinamizador de um grupo. O professor atribui uma atividade e a cada 15 ou 20 minutos muda de grupo. A sua principal tarefa é apoiar os alunos e melhorar as interações entre eles.
TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS	Participa como membro da TLD, contribuindo com os seus argumentos, tal como os outros participantes. Pode moderar a discussão ou dar suporte. Pode ajudar a encontrar cópias de livros que se decidam ler.
COMISSÕES MISTAS	Participa das comissões mistas criadas para a tomada de decisões e desenvolvimento de ações, em diferentes aspetos, que dizem respeito à vida da escola. Também participa em diferentes fases do projeto como o sonho, a seleção de prioridades, etc.
BIBLIOTECA TUTORADA	Dá apoio aos alunos, nas tarefas escolares, na leitura, esclarece dúvidas, promove a entreatajuda, gere o espaço e as atividades que se desenvolvem.
FORMAÇÃO DE FAMILIARES	Participa em atividades de formação para familiares, sendo formador(a) ou dando apoio nas diferentes atividades, a que se propõem.
OUTRAS ATIVIDADES	Participa em espaços como o refeitório da escola, a sala de acolhimento matinal ou como apoio a atividades de tempos livres promovidas na escola (acompanhamento na piscina, atividades desportivas, xadrez, etc.).
PROJETOS ESPECÍFICOS	Participa e contribui, com os seus conhecimentos, em projetos temporários ou contínuos que a escola possui. Por exemplo: a gestão da TV e da rádio, etc.

Contribuições do voluntariado para a escola

Os voluntários contribuem, sobretudo, com tempo e "mãos". Mas também trazem, e têm muita importância, sonhos, inteligência cultural, expectativas elevadas, referencial positivo, intergeracionalidade... Tudo é importante, se partirmos do princípio educativo de que o valor está na diversidade de interações na aprendizagem, que podemos oferecer às crianças.

Como já foi dito, a inteligência cultural dos que colaboram, desinteressadamente, melhora muitas das situações de aprendizagem. Por exemplo, as mães que não terminaram o 1.º ciclo do ensino básico, geralmente, sabem muito bem como lidar com os relacionamentos entre crianças e sabem explicar algumas coisas de forma simples e clara.

Uma aluna do 2º ciclo do Ensino Básico expressa, desta forma, a ajuda de uma voluntária, na aprendizagem: *“A forma como ela se expressa. Ela é divertida e faz-nos rir. E, quando não entendemos algo, explica-nos, de outra forma, para que entendamos melhor... Porque há alturas em que não entendemos o livro e, se for ela, já percebemos”.*

Outro aluno comenta sobre o que gosta num voluntário muito específico: *“O pai de um menino, da sua aula, cujo nome é Julian e anda de cadeira de rodas... Tem uma maneira de ver as coisas, muito diferente da nossa e isso é o que eu gosto nele, é muito divertido. Dá exemplos... Eu não sei... Torna tudo divertido... Eu estou sempre atento ao exemplo que o Filipe apresenta... Ele sabe pôr-nos a ouvir. Também pode levar coisas para nos ajudar... Canetas, por exemplo, e diz: eu tenho muitas canetas... imaginem..., mas é claro que há pessoas que acham difícil de imaginar e isto ajuda-os. Os voluntários têm muito mais experiência do que os professores. Ou seja, a maioria dos voluntários tem filhos e filhas, na escola, e sabe lidar connosco...”*

Na medida em que são pessoas com quem as crianças se identificam, os voluntários, geralmente, atuam como referencial positivo. Por exemplo, numa Comunidade de Aprendizagem, uma mãe marroquina, vestindo o hijab, começou a ser voluntária na aula de inglês. Além de colaborar em inglês (ela falava muito bem porque morou em Inglaterra), quebrou estereótipos sobre mulheres com hijab e, em particular, reforçou a ideia de que as mulheres e as meninas muçulmanas têm elevado potencial como académicas. Era importante para todo o grupo, mas especialmente para as meninas filhas de imigrantes marroquinos, embora não fosse mãe de nenhum deles.

Também pode ser voluntário, um antigo aluno que conseguiu terminar a escola, que fez o bacharelato e que agora está a estagiar, e por isso, tornou-se alguém bem conhecido no bairro. O facto dessas pessoas estarem na escola, a participar regularmente, em conjunto com os professores, muda a experiência de muitos crianças e jovens, ajudando-os a conectar os diferentes mundos – o da escola e o de fora da escola - convertendo-os numa realidade única. Nesse sentido, também podemos dizer que os voluntários contribuem para criar significado, em torno da escola.

Por vezes, os voluntários têm bons conhecimentos em áreas muito específicas, como num determinado idioma, em história, economia ou no xadrez. Partindo sempre do modelo da aprendizagem dialógica e, portanto, de posições igualitárias, esses conhecimentos e competências podem ser disponibilizados aos alunos, dentro e fora da sala de aula. Por exemplo, numa Comunidade de Aprendizagem da Catalunha, uma mãe marroquina - além de se voluntariar para Grupos Interativos - aproveitou o facto de ter muito bom domínio do francês - nesta aldeia, que fica perto de França, esta é uma língua importante para o turismo - para dar aulas de francês, a outras famílias e alunos.

4.2 Coordenação e gestão do voluntariado

Quando tentamos concretizar a participação de voluntários na escola, surgem muitas questões práticas: Como levar as pessoas interessadas a colaborar? Quantos devem ser aceites? Como formá-los? Como coordenar essas pessoas? Que compromisso pedir?...

Conseguir voluntários: um convite à participação

A maneira mais comum de obter voluntários é convidar, a participar e a colaborar, as famílias e pessoas conhecidas da comunidade, que também convidam outras pessoas, que conhecem. Muitas vezes, a proposta surge em conversas informais, numa reunião, num encontro ao sair da escola... Às vezes, as pessoas começam a colaborar por terem participado numa atividade específica ou na formação para familiares. As pessoas do bairro, famílias, etc., decidem participar como voluntários, na Comunidade de Aprendizagem, quando estão entusiasmados. Isso acontece quando sentem que a sua opinião é importante; que não são chamados, apenas, para serem informados que o seu filho andou à luta, mas que existe a possibilidade de contribuírem na vida e nas atividades, da escola.

É importante lembrar que a participação, e especificamente o voluntariado, é uma opção e uma possibilidade, nunca uma obrigação. Não é obrigatório para todas as pessoas, que vivem no bairro onde a escola está envolvida, a participação em atividades que lá ocorrem. A participação deve ser voluntária. Se alguém não tem vontade, é muito melhor, para todos,

que não participe. Se houver alguns pais, mães, avós, irmãos, que começam a colaborar, devemos celebrar e não pensar naqueles que ainda não participam. A aposta numa fraca participação e em discursos pessimistas contribuem para desencorajar as pessoas, que já estão envolvidas, fazem diminuir a participação. Desqualificando (implícita ou explicitamente), as pessoas que não participam não contribuem para um contexto positivo ou para o entusiasmo. Algumas famílias começarão a participar mais tarde, ou quando tiverem um melhor trabalho ou situação pessoal. Alguns, na verdade, não acreditam que podem contribuir com alguma coisa, ou sentem a escola muito distante. Por vezes, é ao participar numa Formação de Familiares, por exemplo, que a pessoa começa a pensar em dar algum tempo aos outros. Em qualquer caso, a participação e o convite, para colaborar em Comunidades de Aprendizagem, baseiam-se na linguagem transformadora.

Existem escolas que fazem convites formais e públicos, para cativar voluntários, através de cartazes ou cartas dirigidas às famílias. Outra maneira é através das relações estabelecidas com entidades da cidade ou do bairro, como por exemplo uma associação de aposentados. Algumas Comunidades de Aprendizagem têm uma comissão de relações com o meio ambiente, que fortalece os laços com os possíveis canais de colaboração. Outras escolas enviam correio eletrónico ou reúnem com essas entidades e, entre outras coisas, propõem a possibilidade de colaborações na escola. Algumas escolas do ensino básico também iniciaram experiências de voluntariado com alunos de escolas secundárias que, fora do horário escolar, ajudam alguns alunos mais jovens.

Existe, também, a possibilidade de colaboração das universidades e dos seus estudantes universitários. Algumas Comunidades de Aprendizagem, individualmente ou em conjunto, estão em contacto com professores universitários que gerem a procura, oferta ou bolsa de voluntariado. Há casos, em que o voluntário vem de Faculdades das Ciências da Educação, mas há outros que vêm de outras (variadíssimas) faculdades. Assim, houve uma escola que conseguiu quarenta voluntários de áreas tão diversas como matemática, engenharia, filologia, biologia, história, etc.

Como dissemos, quanto mais diversidade houver no voluntariado, melhor. As pessoas do bairro e da família são essenciais. Se apenas se conseguiu um dos perfis típicos das famílias e há um grupo de famílias que não participa (por exemplo, uma minoria cultural específica), é precisamente esse grupo que irá proporcionar o maior enriquecimento e, portanto, sem forçar, é quem nos convém que participe. Além disso, se estamos numa escola onde os alunos nunca viram universitários, será muito positivo que os alunos estabeleçam relações com estudantes que venham da universidade, melhor ainda se tiverem algo em comum.

Experiência sobre a participação do voluntariado

Serradell, O. (2015). Aisha, From Being Invisible to Becoming a Promoter of Social Change. *Qualitative Inquiry*, 21 (10), 906-912

Coordenação do voluntariado

Cada Comunidade de Aprendizagem decide como coordenar e gerir o voluntariado. Às vezes, é um professor, ou outra pessoa não docente (pode ser um familiar ou alguém voluntário também). Outras vezes, o voluntariado é gerido através de uma comissão mista de voluntariado. Esta comissão é responsável por organizar as pessoas voluntárias, a sua participação, por distribuí-las em diferentes grupos (se estão em Grupos Interativos), coordenando tarefas para evitar sobreposições, encontrando novos voluntários e divulgar o projeto, quando for considerado necessário, entre outras funções.

A participação como voluntário na escola é gratuita e, como mencionado, requer flexibilidade. Por exemplo, os voluntários podem encontrar um emprego que os impeça de continuar a colaborar ou terem impedimentos num determinado dia. Isto não é um problema sério se trabalharmos de forma não burocrática, procurando sempre soluções e valorizando o projeto. Na verdade, o que é muito comum é que as pessoas, que começam a colaborar, expandam a sua participação a outras atividades, convidando outras pessoas, que sabem poder participar, entre outras.

A flexibilidade e a liberdade não são incompatíveis com a adoção de compromissos e responsabilidades. Existem Comunidades de Aprendizagem que pedem um compromisso aos voluntários, alguns até têm códigos de ética ou contratos de colaboração, que especificam claramente as responsabilidades e os compromissos dos voluntários. São documentos elaborados, com o consenso comum, das pessoas que participam na Comunidade de Aprendizagem.

Exemplo de compromisso dos voluntários

A Comunidade de Aprendizagem Lledoner em Granollers mostra-nos, como exemplo, o documento que dá aos seus voluntários, onde especifica as suas tarefas e responsabilidades (*versão em catalão*) <http://utopiadream.info/ca/wp-content/uploads/2010/11/Donam-la-m%C3%A0-voluntari.pdf>

Um exemplo de possíveis indicações são expressões tais como: *É importante, para nós, iniciar as atividades como planeado, por isso pedimos que seja pontual; sem si, não podemos fazer a atividade. Se não pode vir, notifique a escola, o mais rápido possível; se conhece alguém que possa vir no seu lugar, avise-nos.*

Também se pede aos voluntários, que não esqueçam: *não podem comentar com outras famílias e/ou pessoas conhecidas, dentro ou fora da escola, sobre uma criança específica, o que eles fazem na sala de aula (o que fazem, se está errado, se lhe custa, se não é muito rápido, etc.).*

Portanto, são convidados a respeitarem a privacidade das crianças. A falta de respeito está completamente fora de questão; assim como qualquer outra forma de violência ou assédio, que ameace a integridade das pessoas. Diz-se: *Seja firme e não permita qualquer ofensa, para si ou para os outros.*

Todas as pessoas que colaboram como voluntários fazem-no pelo entusiasmo e com a determinação de trabalhar em prol de um objetivo comum, ao lado dos professores. Com esta premissa, geralmente não há problemas. Mesmo assim, mecanismos como a criação de um código ético ou um contrato de voluntário atuam como estratégias, para prevenir conflitos.

Outra das preocupações, que surge entre o corpo docente e a direção das escolas, em relação ao voluntariado, são as questões legais decorrentes da incorporação de voluntariado dentro das salas de aula e nas escolas. As Comunidades de Aprendizagem, que há muito trabalham, encontraram diferentes alternativas para superar esta questão. Algumas optam por cobrir qualquer risco ao qual o voluntário pode ser exposto, através da Associação de Pais da escola, a qual, geralmente, tem um seguro de responsabilidade civil, para cobrir as pessoas encarregues de realizar as atividades e, assim sendo, basta ampliar o seguro de responsabilidade civil a esses voluntários.

Formação do voluntariado

Como dissemos anteriormente, qualquer pessoa pode ser voluntária, desde analfabetos a graduados ou universitários. Todos são importantes, se partirmos do princípio de que o valor está na diversidade das interações, que podemos oferecer às crianças. Além disso, existem muitas atividades que podem ser desenvolvidas na escola, diferentes níveis de envolvimento, etc. Portanto, o único requisito que o voluntário deve cumprir é o do compromisso e o do entusiasmo, para poder participar na Comunidade de Aprendizagem.

Assim, a formação ao voluntário depende das diferentes escolas. Existem escolas em que a comissão de voluntariado prevê, nas suas tarefas, a formação de voluntários. Noutras escolas, é apenas o professor que partilha o espaço com o voluntário, que o informa sobre o funcionamento, as tarefas e o acompanha. Noutras, realiza-se, anualmente, uma formação, no início das aulas, por exemplo. Assim, a formação do voluntariado depende da decisão tomada pela comunidade educativa, sobre esta questão.

Para aprofundar

Tellado, I. & Sava, S. (2010). The Role of Non-Expert Adult Guidance in the Dialogic Construction of Knowledge. *Revista de Psicodidáctica*, 15 (2), 163- 176: <http://www.ehu.es/ojs/index.php/psicodidactica/article/view/822/694>

Valls, R. & Kyriakides, L. (2013). The power of Interactive Groups: how diversity of adults volunteering in classroom groups can promote inclusion and success for children of vulnerable minority ethnic populations. *Cambridge Journal of Education*, 43 (1), 17-33.

4.3 Bibliografia

Diez, J., Gatt, S., & Racionero, S. (2011). Placing Immigrant and Minority Family and Community Members at the School's Centre: the role of community participation. *European Journal of Education*, 46 (2), p. 184-196. Oxford: Blackwell Publishing Limited.

García-Carrión, R., & Díez-Palomar, J. (2015). Learning communities: Pathways for educational success and social transformation through interactive groups in mathematics, *European Educational Research Journal*, 14 (2), p. 151-166.

Sánchez Aroca, M. (1999). La Verneda Sant Martí: A school where people dare to dream. *Harvard Educational Review*, 69 (3), 320-335.

Serradell, O. (2015). Aisha, From Being Invisible to Becoming a Promoter of Social Change. *Qualitative Inquiry*, 21 (10), 906-912.

Tellado, I. & Sava, S. (2010). The Role of Non-Expert Adult Guidance in the Dialogic Construction of Knowledge. *Journal of Psychodidactics*, 15 (2), 163-176.

Valls, R. & Kyriakides, L. (2013). The power of Interactive Groups: how diversity of adults volunteering in classroom groups can promote inclusion and success for children of vulnerable minority ethnic populations. *Cambridge Journal of Education*, 43 (1), 17-33.